

MEMÓRIAS DE UM VENDEDOR DE MULHERES



GIORGIO FALETTI

# Memórias de um vendedor de mulheres

TRADUÇÃO DE MARCELLO LINO



©2010 Baldini Castoldi Dalai editore S. p. A. – Milano

TÍTULO ORIGINAL

Appunti di un venditore di donne

CAPA

Mara Scanavino

PREPARAÇÃO

Luna de Oliveira Valeriani

REVISÃO

Milena Vargas

Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F178m

Faletti, Giorgio

Memórias de um vendedor de mulheres / Giorgio Faletti ;  
tradução Marcello Lino. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.  
288p. : 23 cm

Tradução de: Appunti di un venditore di donne  
ISBN 978-85-8057-171-4

1. Romance italiano. I. Lino, Marcello. II. Título.

12-0903.

CDD: 853

CDU: 821.131.3-3

[2012]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

*A Marcella e Corrado,  
que nunca foram embora.*

*Certo, vamos comê-la.*

ADÃO E EVA

## PRÓLOGO

EU ME CHAMO BRAVO E NÃO tenho pau.

Essa poderia ser minha apresentação. O fato de eu andar por aí com um apelido, e não com um nome de verdade, não significa nada. Cada um é o que é, apesar dos rastros burocráticos que carrega consigo como serpentina depois de um baile de carnaval. Não importava o nome com que eu me apresentasse ao dar apertos de mão: minha vida não seria mudada em nem uma vírgula. Nada a mais nem a menos. Nem altos nem baixos, nenhum braço de mar calmo ou agitado no qual me atormentar ou do qual lamentar o tormento. O fato de eu não ter um nome era uma providencial área de sombra na qual me esconder, um rosto que mal se entrevê, uma figura quase despercebida, o nada, o ninguém. Já que eu era o que era, uma condição semelhante abrangia, de maneira específica, tudo o que me era útil, sem opções nem exceções.

No que diz respeito à outra particularidade anatômica, vale a pena nos demorarmos um pouco mais.

Não nasci assim.

Não houve, naquele momento, a expressão atônita de um médico que me viu sair de dentro da fissura totalmente desguarnecido, nem o olhar perplexo de uma mãe ainda abalada pelo último e definitivo esforço do parto. Não houve ternuras infantis para com um menino marcado por uma deficiência no mínimo singular e suscetível a piadas pesadas nos anos que viriam. Nem trágicas confidências adolescentes com a cabeça baixa e olhos que parecessem querer decorar o formato da ponta dos sapatos.

Quando me apresentei ao mundo, tudo estava em seu devido lugar. Até demais, eu diria, à luz dos fatos que vieram à tona. E, até um determinado dia, tudo aquilo que estava em seu devido lugar foi fonte de diversos incômodos para senhoras e senhoritas aventureiras e arrojadas que não procuravam outra coisa. Sempre pensei que aquilo fosse problema delas.

Até que o problema de uma delas se tornou o meu.

O como, o quando e o porquê não serão futuramente objeto de estudo dos historiadores. Tratou-se simplesmente de ter conhecido a pessoa errada no momento errado. Réu confesso, se é que isso pode valer algo. Eu admito, mas não me recrimino. A ordem das coisas na vida de cada um é como é, e ponto final. Às vezes, não temos como nem por que nos comportar de outra maneira. Ou, se temos, no meu caso, foi difícil enxergar. A simples proposta de um porquê seria apenas uma agulha a mais em um bonequinho de vodu com o meu rosto.

Em uma noite daquelas em que o tempo deixa uma marca, houve alguém que, com uma navalha afiada e bastante raiva e sadismo, deixou-me na condição atual. Fiquei caído no chão com uma mancha de sangue que se alargava nas minhas calças e, em minha boca, a voz se reduzia cada vez mais a um sopro, enquanto a mancha se tornava um grito. Fui expulso do teatro e obrigado a passar do palco para a plateia. Jogado na última fila, eu diria. No entanto, a dor daquele corte não foi nada se comparada à dor do aplauso.

Até então, eu havia falado de amor por conveniência, e praticado sexo por prazer pessoal. Naquele momento, vi-me na condição de não ser mais obrigado a prometer aquele amor porque não era mais capaz de receber em troca sua compensação monetária. O sexo, justamente.

O corpo de um homem não me dizia nada e eu não tinha nada a propor ao corpo de uma mulher.

De repente, surgiu a calma. Nada de picos nem vales, apenas planície. Nada de mar calmo ou revolto. Somente a zombeteira bonança, aquela que não estufa nem rasga velas. Quando não havia mais motivo para correr, pude olhar à minha volta e ver como o mundo realmente girava.

Amor e sexo.

Mentiras e ilusões.

Alternando-se. Depois, a partida em busca da próxima escala, do próximo endereço anotado na mente com meios improvisados. Por intuição, por faro, por toque. Cego, surdo e mudo, apenas com o auxílio do tato e do olfato, a última fronteira do instinto.

Quando recuperei a visão, a audição e a fala, refleti e entendi.

Logo depois, aceitei.

No momento imediatamente seguinte, agi.

Desde então, foi derramado sangue, matéria-prima de pouco valor em qualquer parte do mundo. Pessoas morreram e talvez o valor delas fosse ainda menor. Alguns dos responsáveis pagaram, outros se safaram. Como todas as coisas que têm um fim na morte, esta também tem um pequeno início.



Tudo começou quando entendi que havia mulheres dispostas a vender o próprio corpo para conseguir dinheiro e percebi que havia homens dispostos a gastar o próprio dinheiro para ter aqueles corpos.

É necessário avidez, rancor ou cinismo para ficar no meio dessa troca.

Eu tinha todos os três.



**ABRIL DE 1978**



# 1

QUANDO DAYTONA E EU VAMOS PARA a rua, está amanhecendo.

Paramos na calçada, a dois passos de distância um do outro, respirando o ar fresco da manhã, que, mesmo em uma cidade grande, dá a impressão de ser puro. Na verdade, a respiração em Milão é um sopro malcheiroso, exatamente como deve estar nosso hálito àquela hora. A única coisa pura é a sugestão, mas também se vive disso.

Daytona abre os braços, boceja e se espreguiça.

Acho que ouço um estalo em suas costas, mas talvez seja apenas impressão. Seu rosto mostra marcas da noite que passou jogando pôquer e cheirando cocaína. Está alterado, dá para ver pelo movimento dos músculos que se contraem sobre os maxilares. A peruca farta que lhe cobre a calvície como um truque de ilusionismo e laquê cedeu um pouco e está levemente inclinada, como uma boina peluda. Sua pele está pálida e uma mancha escura contorna seus olhos. O bigodinho faz com que ele pareça um daqueles personagens neuróticos e malvados dos desenhos animados que acabam sendo cômicos sem querer.

Leva a mão ao rosto, puxa o punho da camisa guarnecido pela noite em claro e vê as horas.

— Nossa, são quase seis.

Daytona fala como se isso fosse um problema. Como se, para ele, fosse uma exceção ainda estar acordado àquela hora. Como se tivesse que prestar contas da própria vida a alguém além de si mesmo e, às vezes, à polícia. Deixa cair o braço e o relógio desaparece. Aquele relógio é a origem do seu apelido. Há anos ele usa um Rolex Daytona de ouro, modelo Paul Newman.

Quando o usa.

Esse detalhe faz com que seja muito fácil distinguir seus períodos de penúria e de fartura. É só observar seu pulso esquerdo. Se o relógio não está ali, significa que foi penhorado no Monte di Pietà. E, se foi penhorado, quer dizer que Daytona está fazendo de tudo para reavê-lo. Sem se preocupar muito com meios e métodos.

De qualquer forma, agora o relógio está no seu pulso e ele sobreviveu a uma noite desenfreada e a uma partida de pôquer na qual teve sorte. Depois do fechamento, ficamos na salinha do Ascot Club, aquela que fica ao lado do bar. Ele, Sergio Fanti, o Godie, Matteo Sana (conhecido como Sanantonio) e eu. Bonverde, o proprietário, foi embora com a mulher logo depois do último espectador e encarregou Giuliano, o gerente, de fechar o local. Sem se importar com o que aconteceria depois que ele saísse de cena. Ficamos ali, respirando um aroma remanescente de humanidade promíscua, em meio à umidade com cheiro de feno de um carpete que não é arejado há anos. Surgiram cartas, cigarros e alguns metros de cocaína.

As horas, as cartas e os cigarros passaram e, quando a cocaína era apenas uma lembrança, Daytona se tornou o indiscutível protagonista do evento. O golpe de sorte foi uma quadra de noves que caiu sobre a mesa como um raio que destrói um *fullband* com cartas de uma só cor. Foi o destaque da noitada.

Como se tivesse lido meu pensamento, Daytona se vira para mim.

— Que sorte tive esta noite! Eu estava mesmo precisando.

Sorriso, embora tenha tentado evitar. Viro a cabeça para olhar o tráfego ainda incerto da manhã. Poucos carros se deslocam indolentes pela via Monte Rosa. Dentro deles, há fantasmas assustados, que voltam para casa, e fantasmas iludidos, que acreditam ser assustadores e saem rumo à sua danação cotidiana. Como observador, parece-me que Daytona deu um nome e um endereço à sorte com algumas artimanhas não totalmente impecáveis. Ao menos, não para mim. Mas isso não é da minha conta. Não jogo, portanto, não ganho nem perco. Sempre fui o espectador que vê e cuida da própria vida. Com o tempo, essa regra se tornou um hábito agradável. Vive-se melhor e, em certos ambientes, simplesmente vive-se.

Volto a ele.

— Foi sorte mesmo. Quanto você ganhou?

Daytona me examina para ver se há ironia em meu rosto. Não a encontra, ou talvez prefira não encontrá-la. Põe a mão no bolso e a deixa lá, como se bastasse o tato para contar o dinheiro. Parece que estou vendo seus dedos gorduchos e peludos amarfanhando as notas com o movimento grosseiro geralmente usado com o dinheiro fácil.

— Um milhão e oitocentas mil liras, mais ou menos.

— Boa jogada.

— Verdade. Deu mole, eu caio dentro.

Ele esfrega as mãos satisfeito e eu penso que certos seres humanos têm muita dificuldade para aprender com os próprios erros. A mesma dificuldade que eu

tenho para não sorrir novamente. Certa vez, durante uma partida com pessoas que não estavam à sua altura, de tanto repetir aquela frase, Daytona levou um soco na cara de um sujeito mais alto, mais forte e mais armado que ele. Sem poder reagir, por motivos óbvios. Circulou durante um bom tempo com um olho roxo que o fazia parecer um dálmata roliço e triste. E havia uma bela comissão de risadinhas que o acompanhava como se fosse a cauda de um vestido de noiva.

Atrás de nós, surgem os outros.

Sobem uma escada sob um letreiro que, à noite, representa um convite para descer até o Ascot Club, o indiscutível templo do cabaré milanês. Nas paredes que ladeiam os degraus gastos, há pôsteres dos famosos que, no início de suas carreiras, passaram por aquelas salas, sobre aquelas mesas, sob aquelas luzes. Todo dia, na rua, ao lado da entrada do clube, é colocado um painel luminoso que anuncia os nomes dos aspirantes.

Um passado provisório, um futuro de glória e um presente de esperança. Todos reunidos no velho axioma segundo o qual em Milão, depois de certa hora da noite, circulam pelas ruas apenas policiais, artistas, delinquentes e putas.

O difícil sempre foi entender quem é quem.

Giuliano sai por último. Demora-se baixando a porta de metal que lacra definitivamente o Ascot Club e o protege da contaminação do dia.

Os outros nos alcançam.

O Godie se aproxima de Daytona e apoia o indicador e o dedo médio abertos como se fossem uma tesoura em seu pescoço.

— Tac! Capturado, seu *gãoca*!

O Godie tem um jeito de falar e de agir bastante folclórico. Representa muito bem o lugar, a hora e o tipo de gente com quem convive. Aquele círculo de pessoas que se exprime com uma linguagem que tem a pretensão de ser reconhecível, ou até mesmo original. Basta inverter as sílabas das palavras, assim gato se transforma em *toga*, mesa se transforma em *same* e carta se transforma em *tacar*. E Diego, seu nome verdadeiro, se transforma em Godie.

O Godie, para ser mais preciso.

Simples e talvez um pouco estúpido também. Mas cada um pendura as medalhas que quer.

Daytona afasta a mão dele.

— *Gãoca* nada. Vocês é que não sabem jogar. Principalmente você.

O Godie o empurra pelo cotovelo.

— Vá pro inferno. Lembre que em Las Vegas só dávamos Steve McQueen e eu.

O humor é o de sempre, um pouco repetitivo, às vezes inspirado naqueles dos artistas que a cada noite se exibem no Ascot, às vezes servindo de inspiração para eles.

Giuliano nos alcança. Assim como eu, ele também não participou do jogo. Só da algazarra limítrofe. Acho que ele embolsou algum por ter deixado o local à nossa disposição. Mas, como sempre, não é da minha conta.

— Então, o que vamos fazer?

Sergio Fanti, estatura média, magro, calvo, nariz protuberante, olha o relógio. Todos nós sabemos o que ele está prestes a dizer.

— Só tenho tempo de passar em casa, tomar um banho e ir direto para o escritório.

Sergio é o único que tem um emprego sério. Trabalha com moda, o que é confirmado por seu terno amarrotado, porém elegante. Ninguém sabe como ele consegue conciliar as noites de *fuego* e rock'n'roll com uma atividade comercial, mas ele dá conta. O único indício dos seus delitos são as duas olheiras profundas que ostenta no rosto como se fossem uma grife.

Matteo Sana boceja. Depois, alisa a barba descuidada, que começa a apresentar alguns fios brancos, assim como seus cabelos.

— Vou tomar um *cappuccino* na Gattullo.

O Godie encosta os dedos em forma de tesoura no pescoço dele também. Com seu sotaque tão milanesa a ponto de parecer uma caricatura, adere à proposta.

— *Tad!* Tô nessa. Pago e aumento. *Cappuccino* com *croissant*.

Giuliano olha para mim e para Daytona.

— Vocês dois vêm?

Daytona bate com o indicador no dorso da mão.

— Eu passo.

Balanço a cabeça.

— Idem. Vou para o cafofo.

Vemos os quatro que se afastam até chegarem à BMW 528 de Sergio Fanti, que, no fim das contas, acabou cedendo. O Godie se agita e fala, como sempre faz quando está meio doidão. Entram e, abafado pelo barulho das portas batendo, o motor dá a partida, soltando pelo cano de descarga uma fumaça azulada. O carro sai do estacionamento e segue para a piazza Buonarroto, na direção da confeitaria Gattullo, em Porta Lodovica.

Já os vejo entrar transtornados na loja que, devido ao tempo que levarão para chegar até lá, estará cheia de gente pedindo um *cappuccino* e um *croissant*. Ao contrário do planejado, talvez peçam três uísques e um Campari, chamando a



atenção de uma dezena de pessoas. Depois, irão para casa dormir, tomarão um Rohypnol para combater o efeito da cocaína e a taquicardia provocada pela anfetamina que, certamente, foi usada para malhá-la. A noite terminou e é assim que certos animais voltam para as suas tocas.

Eu e Daytona estamos na calçada, novamente sozinhos.

— Sabe o que está faltando para terminar bem uma noite de sorte?

— Não.

Na verdade, eu sei. Sei muito bem. Mas quero que ele diga.

Daytona me olha com sua peruca que vai e vem e os olhos brilhantes, se é que podem brilhar depois de uma noite insone. Depois, indica com a cabeça um ponto do outro lado da rua.

— Uma aventura com aquela *taga*.

Sorriso, sem precisar disfarçar desta vez.

Em frente ao Ascot Club fica um edifício comercial grande, totalmente ocupado pela Costa Britain. São quatro andares que tomam boa parte do quarteirão. Desde a esquina com a via Tempesta até mais à frente de onde estamos, na direção de piazzale Lotto. Cimento, metal e vidros. E luzes sempre acesas, iluminando tetos e escrivatinhas para lembrar a todos que, nesta cidade, mesmo quando estamos descansando, pensamos em trabalho.

Da porta de vidro, acaba de sair um grupo de pessoas. São as faxineiras. Esvaziaram latas de lixo, passaram o aspirador de pó e limpam banheiros, escravas da noite que deram duro até agora para que os escravos do dia encontrem tudo em ordem. Duas se afastaram logo, atraídas por uma cama ou um café da manhã. As outras se demoraram um pouco em uma conversa, talvez com a mesma sensação que tivemos, a de que, àquela hora da manhã, vale a pena respirar o ar. Uma delas se detém para acender um cigarro, ficando um pouco isolada das demais. É alta e magra, e as roupas disformes não conseguem esconder alguma graciosidade. Os cabelos são longos e castanhos, o rosto é claro, cheio de luz.

E conformado.

Também a indico com a cabeça.

— Aquela?

— É. Que gata.

Olho para Daytona e vejo que, na sua cabeça, já está passando um filme. E, certamente, não é um filme que possa ser exibido em um cinema do centro da cidade.

— Para você, quanto vale?

— Uma perna, se topasse.

Cem mil liras são um belo par de sapatos nos dias de hoje, que passam cada vez mais rápido.

— Duzentas mil liras e ela topa.

Daytona arregala os olhos. Não questiona as minhas palavras, mas o valor.

— Nossa, duas pernas!

— Cento e cinquenta para ela e cinquenta para mim.

— Você é um filho da puta.

Olho para ele como olharia para um emigrante com uma mala de papelão.

— São seis da manhã, você está sozinho, é feio e ela é uma garota bonita.

Está indeciso. Talvez não consiga entender se estou brincando ou falando sério.

Dou o golpe de misericórdia.

— Você acabou de ganhar um milhão e oitocentas mil liras. Vai sobrar um milhão e seiscentas mil.

— Tudo bem. Vamos ver o que você é capaz de fazer.

Afasto-me. Agora, está na hora de ele bancar o espectador. Atravesso a rua e me aproximo da garota, que fuma com a bolsa pendurada em um ombro e me observa fazendo suas avaliações. É muito mais graciosa de perto. Chega a ser bonita. Seus olhos são cor de avelã, melancólicos, talvez tenham visto periferias demais, e falam de coisas desejadas e nunca obtidas.

Sorriso.

— Oi. Você tem fogo?

Ela pega a bolsa, remexe em seu interior e me oferece um isqueiro de plástico. Deve trabalhar aqui há pouco tempo. As mãos ainda não estão estragadas pelos detergentes e afazeres, domésticos e não domésticos. Pelo modo como me olha, entendo que intuiu que o pedido de fogo foi só um pretexto. E nem muito original, para ser sincero.

Pego o maço de Marlboro e acendo um cigarro. Em meio à fumaça, aponto para o prédio atrás dela.

— Você trabalha aí?

Ela faz um gesto vago com a cabeça.

— Faxineira. Se você chama isso de trabalho, sim, trabalho aí.

— Qual é seu nome?

— Carla.

— Certo, Carla. Posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

Ela aplica a regra do “quem cala consente”. Está curiosa. O que significa que também é esperta.

— Quanto você ganha?

Carla me estuda, espera para ver aonde quero chegar. Não há medo em seus olhos, gosto disso.

— Cento e oitenta.

— Quer ganhar cento e cinquenta em duas horas?

Ela entende logo. Fico esperando um tapa que não se materializa. Muito significativo. Talvez certos tipos de proposta não sejam uma novidade para ela. Talvez ela esteja passando por uma situação de muita necessidade. Talvez, em um lampejo, tenha simplesmente vislumbrado um caminho para sair da periferia, dos congelados e dos vestidos da Upim. As hipóteses são muitas e nenhuma me interessa.

Só falta esclarecer uma coisa e é ela quem toma a iniciativa.

— Com quem?

Faço um gesto com a cabeça em direção a um ponto atrás de mim. Ela avista Daytona do outro lado da rua. Depois me encara com um pouco de desilusão. Por fim, baixa os olhos e procura o asfalto antes de responder.

— Não é o Robert Redford.

Mostro uma expressão inocente, como se faz diante do óbvio.

— Se fosse, eu não estaria aqui falando com você.

Ela olha para as outras que, em grupo, parecem esperá-la a poucos passos de distância. Desde que começamos a conversar, elas ficaram nos estudando, fazendo suas considerações. Algumas risadinhas e olhadelas. Não excluo a ideia de que algumas possam ser de inveja. Carla se volta para mim com ar de desafio nos olhos cor de avelã.

Fala baixinho, como se fosse um pensamento que escapou dos lábios. Propõe uma alternativa.

— Com você, seria grátis..

Balanço levemente a cabeça e elimino qualquer hipótese naquele sentido.

— Estou fora de questão.

Ela precisa de um esclarecimento.

— Não gosta de mim ou não gosta de mulheres?

— Nem uma coisa nem outra. Digamos que, nesta situação, sou apenas um intermediário.

Carla fica em silêncio. Entendo que ela está avaliando os prós e os contras. Acho que não é uma questão moral, mas somente de oportunidade. Talvez ela seja de uma daquelas famílias em que o pai é o dono de tudo o que tem em casa, inclusive das filhas. Trata-se apenas de dar um preço adequado a algo que ela geralmente é forçada a conceder sem possibilidade de escolha. Ou talvez essas ideias sejam

apenas fruto da minha imaginação e, como costuma acontecer, a verdade é outra. Ninguém pode realmente saber o que se passa na cabeça das pessoas.

Às vezes, só interessa o que as pessoas decidem fazer.

Carla faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Diga para ele me esperar na frente da Alemanha na via Monte Bianco. Daqui a dois minutos estarei lá.

Indico o Porsche cor de abóbora de Daytona. É um modelo antigo, com o prestígio ofuscado. Um prestígio que ficou nas mãos do primeiro proprietário, que agora certamente dirige o último modelo. Mas, para sujeitos como Daytona e para as pessoas com quem ele anda, aquele carro é de qualquer maneira um cartão de visitas.

— O carro é aquele.

— Tudo bem.

Enquanto conversamos, suas colegas de trabalho se afastam. Carla parece aliviada. Por enquanto, não precisa dar explicações. Tenho certeza de que, no dia seguinte, ela já vai ter uma resposta pronta. O dinheiro e o senso de culpa são ótimos incentivos à mentira.

— Só um conselho.

— Pode falar.

— Faça com que ele pague um café para você e não entre no carro sem o dinheiro na bolsa.

Ela me olha com um sorriso que não é exatamente um sorriso.

— É assim que se faz?

— É. É assim que se faz.

Viro-me para ir embora e, do outro lado da rua, vejo a figura de Daytona, esperando. Atravesso e vou até lá. Ele assistiu ao diálogo sem saber o que realmente acontecia, exatamente como as colegas de Carla. Quando me aproximo, jogo a guimba do cigarro e solto a última baforada de fumaça para aumentar a poluição de Milão.

— Então?

— Fique esperando na frente da Alemanha. Ela encontra com você lá.

— Quanto?

— Cento e cinquenta, como eu disse.

— Cacete!

Talvez Daytona não acredite nos próprios ouvidos e com aquela palavra esteja querendo exprimir espanto. Ou talvez estivesse esperando um desconto. Parou de acreditar no próprio charme há muito tempo.

— E cinquenta para mim.

Estico a mão com a palma virada para cima. Ele entende e vasculha o bolso. Depois me estende uma nota toda amarfanhada, como é justo que seja para o dinheiro ganho sem esforço. Só que, daquela vez, fui eu que ganhei. Sem trapacear. Um jogo tão velho quanto o mundo, e eu conheço suas regras. Daytona também as conhece, mas não se rebaixa para aplicá-las. Basta que alguém faça isso em seu lugar. Como tantas pessoas, está disposto a pagar por isso.

Enquanto ponho o dinheiro no bolso do paletó, ele me olha com seriedade.

— Não brinque comigo, Bravo.

Dou de ombros.

— Você sabe que nunca brinco.

Daytona se aproxima do Porsche, abre a porta, entra e dá a partida. Espera que a rua esteja livre e parte na direção de piazzale Lotto. No sinal verde, as luzes de freio se acendem e o carro desaparece à direita, rumo a uma discutível aventura.

Agora, estou sozinho.

Apalpo o bolso do paletó, encontro a chave e vou em direção ao carro, um Innocenti Mini azul-escuro, estacionado ali perto.

Entro no meu meio de transporte anônimo. À esquerda, Carla passa depressa, indo para o seu compromisso. Ela me vê e olha para o chão. Boa sorte, garota. Um mês de salário por duas horas de trabalho não é um mau negócio, se você sabe se adequar. Ela demonstrou que estava disposta. Para mim, foi uma espécie de distração, pois geralmente tenho contratos e contatos de outro calibre. Não me pergunto o que estou infringindo com o que acabei de fazer ou com o que habitualmente faço.

A lei dos homens é uma linha traçada com mão pouco firme. Alguns ultrapassam o limite, outros o respeitam. Estou convencido de que vivo um palmo acima dele, sem nunca pôr os pés nem de um lado nem de outro. Não me questiono porque o mundo à minha volta não me questiona.

Isso pode agradar ou não, mas eu sou assim.